ISSN 1983-9979
prolíngua

A TENDÊNCIA DE INOVAÇÃO EM UM ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM LIBRAS: CONTRASTES EM REFLEXÃO©

FROM THE INNOVATION TREND IN A SCIENTIFIC DISSEMINATION ARTICLE IN LIBRAS: CONTRASTS IN REFLECTION

Ediane Silva Lima [1]
Bárbara Olímpia Ramos de Melo [2]
José Ribamar Batista Lopes Júnior[3]

RESUMO:
O artigo intitulado "Libras, o que é essa língua?", de autoria de Ronice Quadros e Marianne Stumpf, no ano de 2019, considerado o primeiro artigo de divulgação científica em Libras, disponibilizado no site da revista Roseta, é tema de discussão nesta proposta investigativa que tem como objetivo geral analisar os elementos que compõem o uso do formato de vídeo sinalizado como uma tendência de inovação desse artigo de divulgação científica em Libras. E como objetivos específicos: identificar os propósitos comunicativos desse artigo em Libras; relacionar as diferentes partes que compõem a estrutura desse gênero produzido com o que se convencionou chamar de artigo e, finalmente, apontar as particularidades que possivelmente trazem a ideia de inovação para essa produção científica. A discussão teórica permeia sob a perspectiva do estudo dos gêneros textuais com enfoque para a inovação pela sua divulgação em formato de vídeo, o qual vai relacionar o conceito de gênero e de propósitos comunicativos discutido por Swales (1990 apud BEZERRA, 2022), assim como abordar as normas de submissão da revista (ROSETA, 2023). De modo a delinear um enfoque metodológico de natureza qualitativa, ao de identificar as diferentes partes que compõem as particularidades da ideia de inovação presentes nessa produção científica. Concluiu-se que, o uso do recurso tecnológico apresenta-se como um suporte textual ideal para garantir a manifestação do pensamento do surdo, atendendo à especificidade linguística da Libras e, consequentemente, possibilitando formas inovadoras para a interação textual de forma digital.
PALAVRAS-CHAVE: Libras. Artigo científico. Tendência e Inovação.

ABSTRACT:
The article entitled "Libras, o que é essa língua?" (Libras, what is this language?), written by Ronice Quadros and Marianne Stumpf in 2019, considered to be the first science dissemination article in Libras, available on the Roseta magazine website, is the subject of discussion in this research proposal whose general objective is to analyze the elements that make up the use of the signposted video format as a trend towards innovation in this science dissemination article in Libras. And as specific objectives: to identify the communicative purposes of this article in Libras; to relate the different parts that make up the structure of this genre produced with what is conventionally called an article and, finally, to point out the particularities that possibly bring the idea of innovation to this scientific production. The theoretical discussion permeates from the perspective of the study of textual genres with a focus on innovation through its dissemination in video format, which will relate the concept of genre and communicative purposes discussed by Swales (1990 apud BEZERRA, 2022), as well as addressing the journal's submission rules (ROSETA, 2023). In order to outline a methodological approach of a qualitative nature, it was necessary to identify the different parts that make up the particularities of the idea of innovation present in this scientific production. It was concluded that the use of technological resources is an ideal textual support to guarantee the manifestation of deaf people's thoughts, taking into account the linguistic specificity of Libras and, consequently, enabling innovative forms of textual interaction in digital form.
KEYWORDS: Libras. Scientific Article. Trend and Innovation.

© Submetido: 25/07/24 – Aceito: 10/11/24 DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2024v19n2.70914
[1] Doutoranda em Letras-UFPI, docente pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI, membro pesquisadora do GELSPI, e-mail: edianesilva@ccm.uespi.br e ORCID https://orcid.org/0000-0002-4104-9025 .
[2] Doutorado em Linguística, docente pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI. e-mail: barbara.olimpia@ccm.uespi.br e ORCID https://orcid.org/0000-0001-6523-8835.
[3] Doutor em Linguística, docente pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. e-mail ribas@labproducaotextual.com e ORCID https://orcid.org/0000-0002-4777-3305.

ISSN 1983-9979
prolíngua

Considerações iniciais

Este artigo analisa um texto de divulgação científica intitulado “Libras, o que é essa língua?” (Quadros; Stumpf, 2019), sob a perspectiva do estudo dos gêneros textuais, com o possível enfoque para a inovação pela sua divulgação em formato de vídeo, no qual a produção científica se apresenta em Língua Brasileira de Sinais-Libras ao invés do texto escrito convencional. Partindo da análise e discussão do primeiro artigo de divulgação científica em Libras, publicado no site da revista Roseta[4], buscou-se relacioná-lo aos estudos acerca dos gêneros textuais, considerando o conceito de gênero empregafo, de propósitos comunicativos, além do uso da tecnologia, como suporte textual ideal para atender à especificidade linguística dessa língua de sinais.

Para isso, traçou-se como objetivo geral analisar os elementos que compõem o uso do formato de vídeo sinalizado como uma tendência de inovação para a divulgação do primeiro artigo de divulgação científica em Libras publicado em uma revista[5]. E como objetivos específicos: identificar os propósitos comunicativos desse artigo em Libras; relacionar as diferentes partes que compõem a estrutura desse gênero produzido com o que se convencionou chamar de artigo e, finalmente, apontar as particularidades que possivelmente trazem a ideia de inovação para essa produção científica em Libras.

Ao longo das discussões, evidencia-se que é totalmente possível produzir todo e qualquer texto em Libras, fazendo uso do recurso tecnológico, como suporte textual que atenda aos propósitos comunicativos de um dado gênero. Além da necessidade em seguir o que rege a legislação de inclusão da pessoa surda, o uso do recurso tecnológico, via de regra, atende diretamente à comunidade surda em situações em que a língua de sinais apresenta-se como manifestação ideal para representar a forma de comunicação e expressão das pessoas com surdez. Autores como Swales (1990) e Bhatia (1993) permeiam as discussões teóricas apontadas por Bezerra (2022) ao discorrer sobre conceito de gêneros textuais e de propósitos comunicativos, assim como a respeito da tendência de inovação.

E no que se refere ao conceito de inovação, parte-se tanto do uso tecnológico em formato de vídeo, para manifestar o pensamento e, consequentemente, marcar a representatividade linguística do surdo, bem como estabelece as diretrizes para submissões de produções científicas da revista Roseta. A qual, agregada ao processo de inclusão social, foca em produções textuais com vistas à popularização da Linguística de forma estética e/ou humorística para atrair novos autores/leitores.

2 Dos estudos dos gêneros textuais e o que eles (não) são

Sabe-se que os gêneros textuais são elementos essenciais às práticas comunicacionais humanas. E, em razão disso, são incontáveis, diversificados, logo, heterogêneos. Variando do nível informal, em uma conversação do dia a dia, até o nível mais formal, de âmbito acadêmico-científico, tais como: artigos, resenhas, teses de doutorado, conferências etc. Apreende-se, assim, que é impossível uma comunicação verbal ou multimodal acontecer sem recorrer a um gênero textual, tampouco comunicar-se sem partir de algum texto (Marcuschi, 2008). Desse modo, texto e gênero não se separam, isto é, não andam em vias distintas, porque têm uma

[4] Destaque para o fato de que existem outras publicações nesse sentido, como a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras da UFSC que desde 2013 recebe submissões e apresenta registros de artigos científicos em Libras.

[5] Destaque para o fato de que existem outras publicações nesse sentido, como a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras da UFSC que desde 2013 recebe submissões e apresenta registros de artigos científicos em Libras.

função importantíssima na comunicação. Porém, enquanto os gêneros são acordos sociais, os textos atuam diretamente na manifestação linguística de ideias (Marcuschi, 2008).

Além da "tríade bakhtiniana", concebe-se o gênero textual, diante de sua complexidade e profundidade do tema, justamente, pelo fato de que, "os gêneros não podem e não devem ser reduzidos a um conjunto de características atinentes a seus componentes formais, conteudísticos ou estilísticos, pois eles são bem mais que isso" (Bezerra, 2022, p.44). Para esse estudioso, os gêneros textuais surgem e desenvolvem-se para orientar as ações humanas, organizando o pensamento e, consequentemente, auxiliando na comunicação.

Partindo desses dados, busca-se o conceito de gênero textual, o qual, para Marcuschi (2009), surge da interação social, ou seja, é fruto do trabalho coletivo, contribuindo para ordenar e estabilizar as interações do dia a dia. Sendo assim, "são entidades sociodiscursivas e formas de ação social em qualquer situação comunicativa [...] (Marcuschi, 2003, p. 7), porque são dinâmicos, somem, surgem e inovam-se, conforme as necessidades da comunidade discursiva, e também respondem às diversas situações sofrendo influência do contexto histórico e social (Marcuschi, 2008).

O conceito de gênero pode ainda ser visto como "uma noção que diz respeito ao funcionamento da linguagem no plano sociocognitivo e discursivo" (Bezerra, 2022, p.45), o que para esse teórico significa que a materialidade linguística apresenta-se de forma visível (escrita) ou audível (na fala) somente na textualidade. Assim é importante questionar: e quanto aos textos produzidos/sinalizados em Libras, como se dá essa materialidade, isto é, essa manifestação comunicativa? Ainda, a respeito do estudo dos gêneros, é importante destacar o que se convencionou chamar de propósitos comunicativos e a sua relação com o gênero textual. Assim sendo, parte-se da relação entre gêneros e de seus propósitos comunicativos, apoiando-se "na premissa de que os primeiros se prestam à realização dos segundos, embora estes nem sempre sejam de fácil identificação e delimitação, visto que não se trata de uma categoria formalizável na superfície textual [...]" (Bezerra, 2022, p. 81). Ainda mais quando se considera que o gênero é essencialmente "caracterizado pelos comunicativos que pretende realizar" (Bhatia, 1993 *apud* Bezerra, 2022, p. 80).

Apesar do aspecto convencional e institucionalizado, no que diz respeito ao estudo da teoria dos gêneros, Bhatia (1993 *apud* Bezerra, 2022) denomina de "integridade genérica", quando afirma que os gêneros apresentam uma tendência natural para a inovação, ou seja, frequentemente essa tendência é explorada pelos membros mais experientes, ao 'criarem' "novas formas de responder a contextos retóricos familiares ou nem tão familiares assim" (Bhatia, 2009, *apud* Bezerra, 2022). O que se justifica pelo uso da tecnologia, enfim é a necessidade de inovação provocada pelos diferentes contextos multidisciplinares e/ou tecnológicos do ambiente profissional e educacional que estão cada vez mais marcantes em nosso cotidiano.

Aliado a isso, é importante ressaltar a distinção entre artigo científico e artigo de divulgação científica, porque os dados aqui apresentados seguem para este gênero mais especificamente. A ABNT define artigo científico como "uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento" (ABNT, 2003). Quer dizer, nele são apresentados os resultados de uma pesquisa, de forma diversificada que vão desde relatos de experiências até mesmo construções teórica-metodológicas. Já o artigo de divulgação científica, visa apresentar ao público um conhecimento produzido por diferentes segmentos da sociedade, por meio da pesquisa científica, transmitindo à população um saber necessário para a compreensão e tomada de decisões do mundo no qual estamos inseridos (Cortina, 2020).

2.1 Dos estudos do texto na libras: considerações necessárias

Os surdos produzem textos em Libras? E ao produzirem, que textos seriam? Em caso afirmativo, que gêneros textuais participam dos textos produzidos em Libras? Os estudos voltados para a produção de textos em línguas de sinais ainda são muito incipientes, entretanto, isso não significa que os membros dessa comunidade linguística não estejam produzindo gêneros textuais dos mais variados.

Embora não seja desta pesquisa relacionar produções textuais en línguas de sinais, tampouco fazer um levantamento dos principais estudos do texto, voltados para essa cultura surda, é importante destacar que já há estudos nesse sentido os quais buscam analisar esses aspectos em produções, tais como: "Libras, aspectos linguísticos da Libras", Lima (2023). Assim como outras pesquisas, em andamento, estão investigando quais elementos e/ou recursos linguísticos são responsáveis para a construção de sentenças tipológicas textuais.

Partindo desse pressuposto e retomando os questionamentos anteriores destaca-se que, dentre as inúmeras produções em Libras, no contexto brasileiro, a comunidade surda contou com uma programação completa, via plataforma, por meio da extinta TV INES, a qual tinha como enfoque programas variados de entrevistas a documentários, todos com produções bilíngues, isto é, em Libras e com voz e legenda em português. No Youtube, ainda é possível encontrar algumas dessas produções da TV INES, bem como outras que vão desde canais de influenciadores digitais, a documentários, palestras etc., totalmente em Libras. O estado do Piauí contou com uma produção humorística, em formato de minissérie, facilmente encontrada nessa plataforma, a "Família Silva". Assim como há ainda canais com poesias e orações traduzidas nessa língua como a E.U.li "Escute um livro"[6].

No tocante às muitas produções acadêmicas em Libras, já há bastantes divulgadas na internet, mas, em sua grande maioria, são eventos como palestras, mesas-redondas, lives etc., contudo, todas essas produções apresentam-se em formato de vídeos. Desse modo, há de se considerar o recurso tecnológico como suporte textual imprescindível para a divulgação dessas produções nessa língua de sinais. E quanto às produções/divulgações científicas, elas já existem nesse nível em Libras.

Além da Revista Roseta, foco deste artigo, há ainda a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras-VRLIBRAS, da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, a qual está inativa, no momento, mas há edições disponíveis em seu site desde a sua primeira publicação 2013 até a última em 2020. Diferentemente da revista Roseta, nela é possível identificar as orientações e regras para submissão por meio de vídeos em Libras.

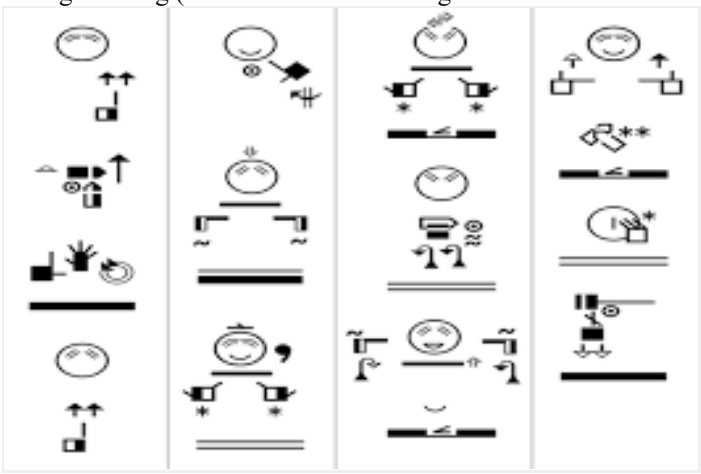
Como foi possível verificar no site de ambas as revistas, o recurso de multimídia (em formato de vídeo) se apresenta como fundamental para a divulgação dessas produções em Libras. Todavia, é interessante destacar que, enquanto na revista da UFSC as produções são publicadas em Libras, a Roseta propõe textos de divulgação científica nesse idioma. Sendo assim, considera-se que essas duas revistas promovem uma inovação ao apresentar essas produções científicas em Libras em formato de vídeos, como aponta Bhatia (2009 *apud* BEZERRA, 2022), ao identificar o uso da tecnologia como um fator decisivo para realização da inovação textual.

Outro ponto a ser destacado é o fato de que essas produções são sinalizadas e não escritas, ou seja, apesar de haver ao menos duas formas estabelecidas para representar 'graficamente' a Libras (figuras 1 e 2), por não serem (re)conhecidas e/ou mesmo acessíveis aos próprios falantes dessa língua de sinais, é 'tendencioso', ou mesmo natural, que produções acadêmicas e/ou culturais nessa língua aconteçam em formato de vídeos, explorando a língua de sinais em si, e raramente a sua escrita de sinais.

[6] Disponível em: https://www.youtube.com/@e.u.li.-escuteumlivro.

ISSN 1983-9979
prolíngua

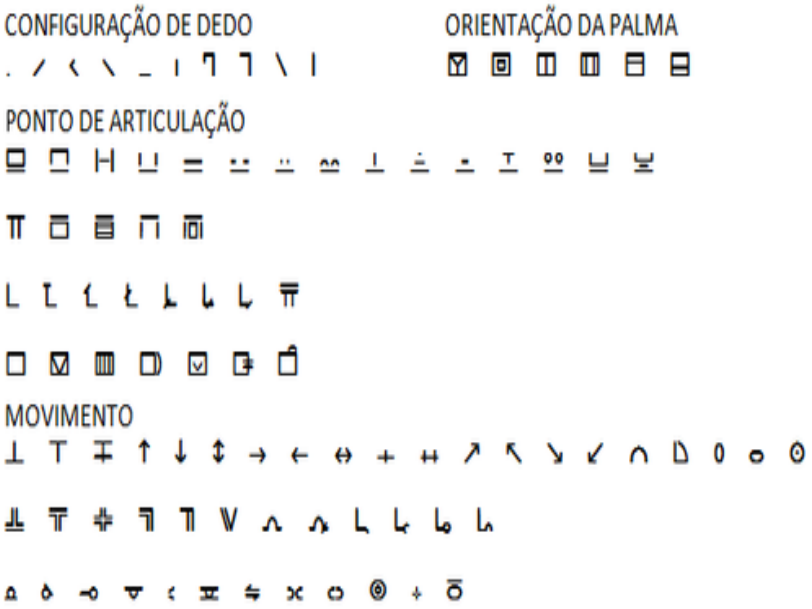
Figura 1 - SignWriting (Escrita de Sinais da Língua de Sinais Americana - ASL)



Fonte: UFPEL, 2017.

Quando se afirma que é natural, para o surdo, produzir e/ou compreender textos em Libras, entende-se que, devido à modalidade visual-espacial dessa língua, a comunicação é dinâmica e interativa, como acontece com toda e qualquer língua. Pressupõe-se, talvez, que o ato de se comunicar por meio de uma escrita de sinais inviabiliza essa dinamicidade, bem como considera, aqui, todos os 'impedimentos' que norteiam o acesso e/ou o aprendizado desse artefato tecnológico para o surdo. Ao mesmo tempo, ao se cogitar a respeito de produções escritas em português por surdos[7], há, de fato, algumas pessoas surdas que produzem textos escritos, inclusive com publicações de livros, artigos, *Ebooks* dentre outros.

Figura 2 - ELiS: Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais



Fonte: Wikipédia, 2024.

[7] Evidentemente não é foco desta discussão, mas são muitas as circunstâncias que direcionam o surdo nesse processo de domínio da modalidade escrita de uma língua oral.

Sabe-se que o domínio da norma culta, especialmente, o do ato de escrever é uma 'exigência' estabelecida socialmente e em âmbito acadêmico isso é muito mais notório. A Lei 10.436/2002, em seu parágrafo único, estabelece que: A Libras não poderá substituir a modalidade escrita do português (BRASIL, 2002). De outro modo, o processo de aquisição de uma língua oral para o surdo implica em uma série de fatores que retardam ou mesmo impossibilitam que esse processo se dê de forma natural. O ideal é o surdo ser inserido em um processo de ensino e aprendizagem com a sua língua de sinais como primeira língua e uma língua oral, como sendo a sua L2 (segunda língua).

3 Metodologia

A natureza desta pesquisa é qualitativa e tem como objeto a ser analisado o primeiro artigo de divulgação científica em Libras disponibilizado no site da revista Roseta. Com o intuito de identificar os propósitos comunicativos das diferentes partes que compõem a sua estrutura e apontar as particularidades da ideia de inovação presentes nessa produção científica, fez-se uso de uma abordagem investigativa, a partir dos objetivos traçados ao analisar o artigo da Revista Roseta, os quais foram elencados da seguinte forma: dos propósitos comunicativos; das diferentes partes que estruturam esse artigo de divulgação científica e, finalmente, das particularidades que caracterizam a inovação, a serem abordados na análise e discussão de dados deste artigo.

O artigo intitulado "Libras - o que é essa língua?" possui duração de quinze minutos e trinta e um segundos (15:31), publicado em 2019, trata-se do primeiro artigo não escrito, mas em Libras, publicado no site da revista Roseta. O artigo tem como finalidade discutir e compilar os principais dados de pesquisa voltados para os estudos linguísticos da Libras, identificando o que já foi pesquisado até o momento e quais aspectos permanecem desconhecidos e carecem de pesquisas mais aprofundadas. Devido à modalidade visual-espacial da Libras, porque utiliza o espaço para organizar os níveis linguísticos, há a necessidade de adaptação quanto ao suporte textual, ou seja, ao invés de um link de acesso no sumário de uma revista eletrônica, na verdade, o artigo é disponibilizado em formato de vídeo. O artigo em análise é de autoria de Ronice Quadros e de Marianne Stumpf, professoras e pesquisadoras dos estudos linguísticos da Libras.

4 Análise e discussão dos dados

Para uma discussão mais aprofundada, optou-se por analisar a produção "Libras, o que é essa língua?" da Revista Roseta, que é um dos periódicos da ABRALIN, justamente por se tratar do primeiro artigo de divulgação científica em Libras. Antes, porém, por meio de dados comparativos, foi identificado a estrutura organizacional das produções de vídeos das revistas, Roseta e da Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras-VRLIBRAS justamente para verificar que a produção da Roseta trata-se de uma divulgação científica, de fato, e não de um artigo científico, como a da VRLIBRAS.

A revista universitária da UFSC promove a divulgação de artigos científicos por meio de vídeo-registros em Libras, apresentando normas de publicação em vídeos sinalizados em Libras, com um modelo didático para estrutura do artigo com regras específicas para cada uma das partes que o deverá compor: apresentação; sobre o artigo; estrutura do artigo; duração do vídeo; fundo iluminação; imagem do sinalizando; vestuário; posição e filmagem; título, autor e tradutor; resumo; principais sinais; abstract; introdução; desenvolvimento; conclusão; notas de rodapé e referências. Já a da Roseta, não há uma estrutura/modelo a ser seguido, constando apenas um vídeo de 12 min, seguido de texto escrito em português, com esclarecimentos a

respeito do escopo, da periodicidade de publicação e das diretrizes para a publicação de vídeos em Libras

É importante ressaltar que há dois tipos de formatos para publicação na revista Roseta: texto escrito e vídeo, sendo este específico para publicações em Libras, e, apesar de haver distinção entre esses dois formatos, os demais critérios, seja em formato de vídeo, seja em formato de texto, como normas de submissão, não divergem entre si, com exceção de algumas particularidades para ambas as modalidades (escrita e sinalizada).

Quanto às normas de envio de trabalhos para essa revista, tanto para o formato de texto quanto para as produções em Libras, "a revista não publica artigos destinados a um público especializado de linguistas, e não publica resenhas de livros ou teses" (Roseta, 2023).

4.1 Dos propósitos comunicativos

Ao analisar o possível ou possíveis propósitos comunicativos desse artigo, percebe-se algumas particularidades alinhadas à ideia de inovação: sinalizado em Libras e publicado em formato de vídeo. É também considerado bilíngue, porque, além da Libras, há a tradução de voz (áudio em português) e o uso do português escrito, em situações bastante específicas, através do recurso da legenda, além do suporte de divulgação do gênero analisado atendendo à especificidade linguística do público-alvo que a temática da revista pretende alcançar. Já a revista da UFSC, por exemplo, apresenta registros de artigos científicos seguindo modelo estrutural específico da revista, mas totalmente em Libras, sem uso de outros recursos, como os identificados no da Roseta.

Observou-se, ainda, que o tipo de artigo de divulgação científica ora analisado, é o artigo de revisão. Evidentemente, a opção pelo tipo de artigo selecionado pelas autoras não traz em si nenhuma inovação, porém, a maneira como é apresentado, devido mesmo à modalidade da língua de sinais, em formato de vídeo, poder-se-á considerar como uma produção inovadora.

O propósito comunicativo, como discorre Swales (1990 apud Bezerra, 2022), impulsiona as atividades de linguagem da comunidade discursiva. Logo, para que a comunidade surda, especialmente a atuante em estudos e pesquisas na área da linguística das línguas de sinais, possa ser incluída como membro dessa comunidade discursiva, é preciso considerar sua especificidade linguística. Para tal, faz-se necessário um suporte tecnológico que seja capaz de transmitir essa forma de comunicação e expressão, sendo o recurso visual de vídeos o mais indicado.

No que diz respeito aos membros mais experientes da comunidade discursiva estabelecerem que propósitos comunicativos serão socialmente reconhecidos, temos que quando Ronice Quadros e Marianne Stumpf (2019) receberam o convite da Revista Roseta para publicarem o primeiro artigo de divulgação científica em Libras, em formato de vídeo, como informado por elas na apresentação do próprio artigo, e enfatizado no encerramento do mesmo, de que essa primeira publicação seria produzida totalmente em Libras, é impossível não relacionar ao que expõe Bhatia (2009, p. 170, apud Bezerra, 2022) quando afirma que:

> pode acontecer que alguém seja chamado a responder a uma necessidade sócio-cognitiva de mudança, o que exigiria dele negociar sua resposta à luz das convenções reconhecidas e estabelecidas, uma vez que os gêneros de fato transmutam através dos tempos, em resposta a necessidades sócio-cognitivas de mudança. Essa habilidade para responder a novos contextos retóricos com base no conhecimento genérico estabelecido também confere considerável liberdade tática aos membros especializados da comunidade discursiva em questão, para manipular recursos e convenções dos gêneros, "para expressar

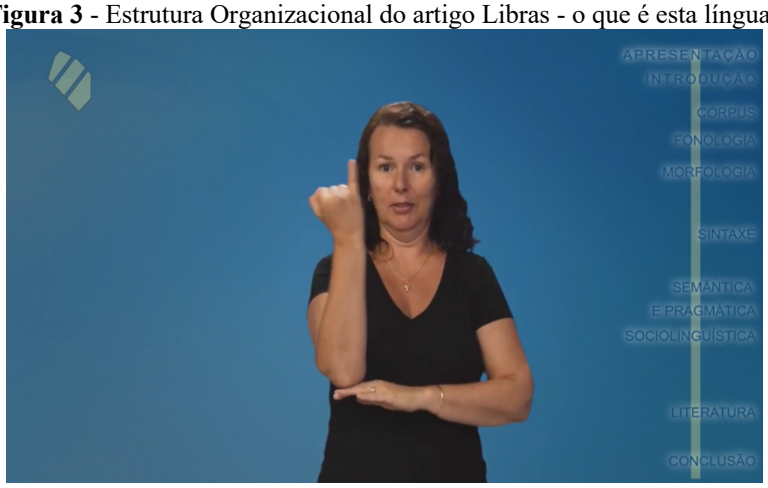
> intenções particulares dentro da estrutura dos propósitos comunicativos socialmente reconhecidos" (Bhatia, 1993;l995).

Aqui entende-se que tanto Ronice Quadros, quanto Marianne Stumpf podem ser consideradas membros especializados por serem docentes e pesquisadoras de alguns dos principais estudos voltados para as áreas da educação e da linguística da Libras. Todavia, além da particularidade da modalidade visual-espacial da língua de sinais, em que o artigo fora disponibilizado na plataforma da revista, outros dois fatores também serão considerados, ao se analisar esse artigo em Libras como proposta de inovação: o uso do recurso de multimídia e as diretrizes estabelecidas como regras para submissão da revista Roseta. E é o que será discutido nos subtópicos seguintes.

4.2 Das diferentes partes que estruturam o artigo de divulgação científica

O vídeo do artigo aqui analisado apresenta em sua estrutura organizacional (Fig. 3), o que se convencionou chamar de artigo de divulgação científica, mais especificamente, artigo de revisão, como discutido no subtópico anterior. Contudo, levanta-se o seguinte questionamento: as possíveis normas de produção de trabalhos acadêmicos/científicos foram sumariamente consideradas nessa produção uma vez que ela não se dá na perspectiva da escrita?

Figura 3 - Estrutura Organizacional do artigo Libras - o que é esta língua?



Fonte: Quadros;Stumpf, 2019.

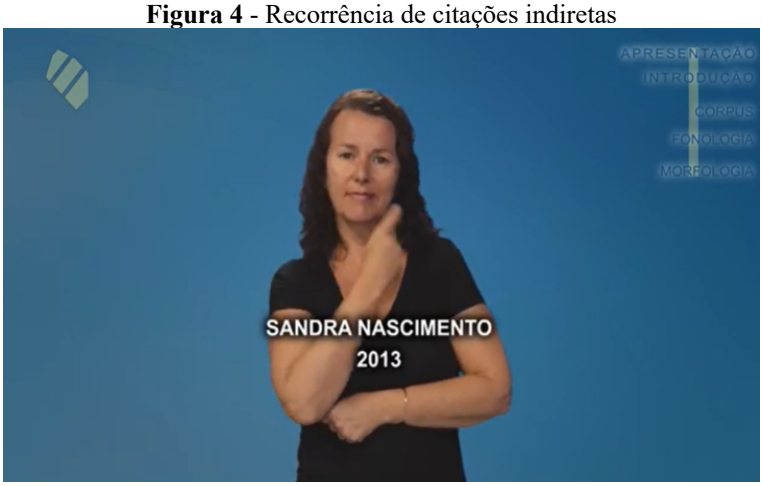
Como destaca Bezerra (2022), um gênero acadêmico, com suas convenções estabelecidas por regras e padrões faz uso de citações, de acordo com as normas da ABNT, preocupando-se, ainda, com o aspecto da formalidade peculiar à maioria dos gêneros acadêmicos e da relevância da pesquisa, tanto nos resultados, quanto nas evidências. Parte-se desses destaques apontados pelo teórico, quando relacionados a essa produção em Libras, se, de fato, Ronice Quadros e Marianne Stumpf (2019) seguiram essas convenções ao produzirem esse artigo.

No que corresponde à estrutura organizacional do artigo (Fig. 3), verifica-se que, durante a exibição do vídeo, surge ao lado direito da tela - partindo do canto superior direito - os tópicos em português escrito, compondo a fundamentação teórica, que vai ganhando destaque, conforme as autoras abordam cada um dos tópicos, ao longo de toda a exibição.

Quanto ao uso de citações, identificou-se somente as do tipo indireta. E comparando-as ao que rege a ABNT, as autoras, ao invés de citarem somente o sobrenome do autor e ano, fizeram uso de diferentes recursos: ora sinalizando o(a) autor(a) citado(a) e o ano da publicação e/ou defesa da pesquisa, juntamente com a legenda em português (Fig. 4); ora apenas

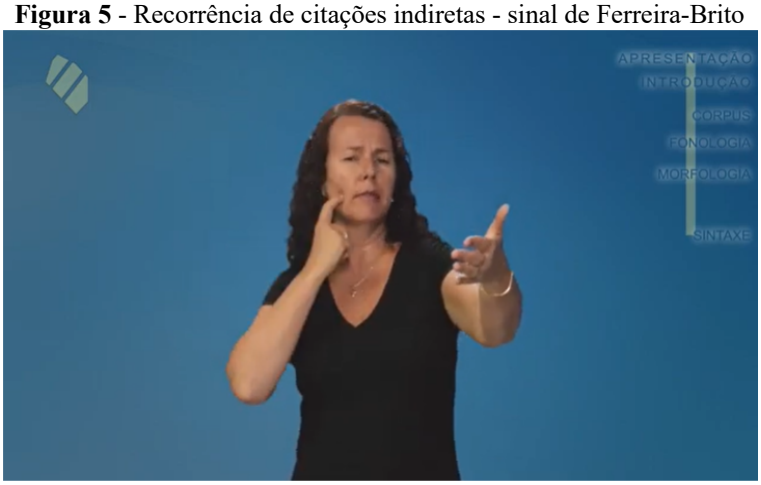
sinalizando (Fig. 5) e/ou fazendo uso da datilologia (soletração manual em Libras), seguido de legenda. Evidencia-se o uso desses diferentes recursos (legendas, sinal e datilologia) para auxiliar no (re)conhecimento dos nomes dos pesquisadores.

Figura 4 - Recorrência de citações indiretas



Fonte: Quadros;Stumpf, 2019.

Figura 5 - Recorrência de citações indiretas - sinal de Ferreira-Brito



Fonte: Quadros; Stumpf, 2019

Além dos aspectos linguísticos e culturais da língua de sinais há, assim como a particularidade das normas editoriais da própria revista Roseta, em sua plataforma as seguintes orientações para submissão:

> A Roseta é uma revista de divulgação científica na área dos estudos linguísticos. Seu principal objetivo é democratizar o conhecimento, fazendo o diálogo público sobre temas linguísticos com a sociedade. Por esse motivo, o texto deve ser de fácil compreensão para pessoas que não possuam qualquer formação acadêmica na área de Letras ou Linguística. Acreditamos que a aproximação entre ciência e população seja capaz de empoderar indivíduos e oferecer condições para refletir sobre suas relações com o outro e a língua(gem) (Roseta, 2023).

Ao se propor uma democratização do conhecimento, bem como da intenção de uma aproximação entre a ciência e a população, infere-se que a revista busca uma tendência para a inovação, porque, ao publicar textos de divulgação científica, faz uso de recursos tecnológicos

adaptados às necessidades de um determinado público que visa alcançar, neste caso a comunidade surda, quando destaca, na sequência de critérios para submissão informando que:

> [...] Embarcar numa viagem com o leitor se mostra mais promissor que a transmissão vertical de informações. Conectar o conhecimento produzido na academia com o dia a dia é um método interessante de capturar o leitor, mostrando-lhe por que a ciência (Linguística) é relevante. Dar uma forma estética ao conteúdo veiculado é uma opção na popularização. Humor é outro elemento que não costuma ser usado em textos acadêmicos, mas é muito bem-vindo em textos de popularização. Esse é o novo desafio da popularização da Linguística: a forma de se conectar com o leitor (Roseta, 2023).

Nesse caso, as diretrizes dessa revista parecem trazer a inovação como proposta central para atrair autores e cativar possíveis leitores, ou seja, parte da própria revista, na qual fora publicado esse artigo em análise, democratizar, para o seu público, o acesso ao conhecimento linguístico de fácil compreensão.

4.3 Das particularidades que caracterizam a inovação

Partindo do pressuposto de uma possível tendência para a inovação, discutir-se-á a seguir, quanto à modalidade visual-espacial da língua de sinais, o que se define como diretrizes e normas para submissões da revista Roseta, bem como do uso do recurso de multimídia dessa produção de vídeo em Libras. Antes de tudo, é importante destacar que, em toda produção de vídeo, informações como enquadramento, cenário, figurino, luz etc. são totalmente relevantes para se produzir um material de qualidade. E em produções de vídeo em Libras, além desses recursos, a marcação de posição dos sinalizadores, o foco das expressões faciais/corporais, bem como o uso de marcadores de pessoa, de tempo e de lugar são fundamentais para a construção de sentido nessa língua, independentemente do gênero textual.

Vale lembrar que a proposta inicial desta pesquisa pretendia justificar o fato de as autoras do artigo analisado, ao receberem o convite da revista Roseta, enquanto membros especializadas da comunidade discursiva, produziram um artigo científico inovador em Libras. No entanto, ao averiguar as regras de submissão da revista para produções em Libras, constatou-se, a partir do escopo da revista e da periodicidade de publicação de vídeos em Libras, que a Revista Roseta tem como:

> [...] um dos seus objetivos [...] publicar artigos produzidos em Libras (através de vídeos) que divulguem, para o público não acadêmico, as pesquisas em linguística que são produzidas no país. Por esse motivo, o vídeo deve ser compreensível para pessoas que não possuam qualquer formação acadêmica na área de Letras ou Linguística [...] Serão publicados vídeos em Libras de pesquisadores que atuam na área dos estudos linguísticos e que produzam textos que dialoguem com o conhecimento científico produzido na área. Não há requisito mínimo de titulação [...] (Roseta, 2023).

Constatou-se que a inovação apresentada nesse tipo de produção parte do que propõe a revista em si, devido ao suporte tecnológico usado para atender à especificidade linguística da Libras, como anteriormente discutido no item 4.1. Além disso, não esquecer que os gêneros textuais não são indiferentes e nem imunes ao uso da tecnologia, como defendem Barros e Bezerra (2018).

Partindo do que já fora abordado e do fato de que, “a escrita acadêmica é comumente entendida como altamente estruturada, regrada, formal, convencional e até impessoal" (Bezerra,

2016. p.144), a inovação, ao se produzir esse artigo científico, considerando a língua de sinais em si, justifica-se ainda pelo fato de as autoras ao não se 'submeterem' às formas convencionais e/ou mesmo padronizadas que o ato de escrever em si implica ao produzirem esse tipo de gênero acadêmico/científico.

Entretanto, é imprescindível considerar que a língua de sinais também possui padrões linguísticos de uso estabelecidos pela comunidade surda. Desse modo, é imperioso enfatizar que não é pelo fato desse gênero textual apresentar-se em Libras que o torna diferente dos demais artigos publicados em uma revista científica, mas devido mesmo aos aspectos descritos acima, bem como o uso tecnológico, possibilitado pelo que rege as diretrizes para submissão na revista, conforme especificado no próprio site da Roseta:

> O vídeo deve ter, no máximo, 15 minutos (preferencialmente entre 10 e 15 minutos).
> É importante salvar o vídeo em algum Drive ou outro meio similar e, logo em seguida, enviar o link para o e-mail <roseta@abralin.org>. O arquivo do vídeo deve estar em AVI ou MP4.
> A resolução de tela deve ser FullHD 1920×1080 ou HD 1280×720 e 29 fps. O fundo do vídeo deve estar na cor azul ou verde, de maneira homogênea, sem qualquer material afixado (Roseta, 2023).

Destacam-se também os aspectos linguísticos que envolvem a Libras, como a marcação de posição dos sinalizadores (o enquadramento), o uso da datilologia, o foco das expressões faciais/corporais, bem como o uso de marcadores de pessoa, de tempo e de lugar como fundamentais para a construção de sentido nessa língua, conforme se verifica nas diretrizes para publicação em Libras:

> [...] Quando for necessário fazer a datilologia (soletração manual), deve ser observada a velocidade, de forma que não impeça o leitor de entender a mensagem. [...] É permitido o uso de sinais regionais, pois podem facilitar a compreensão do leitor. Ele pode identificar os sinais e associá-los à sua convivência social.
> Em relação à posição do sinalizante na filmagem, este deve estar centralizado no enquadramento da filmagem, de frente, para que a sinalização possa ser visualizada claramente. Sugerimos que o vídeo seja produzido de modo que o sinalizante, com os braços abertos, caiba aproximadamente no limite dos contornos da filmagem, de uma extremidade a outra dos membros superiores. A distância da extremidade da cabeça com a margem superior do quadrante deve ser de aproximadamente 6 cm, e a distância entre as mãos sobrepostas (com os cotovelos dobrados a 90º) com a margem inferior do quadrante também deve ser de aproximadamente 6 cm. [...] (Roseta, 2023).

Ainda quanto aos aspectos linguísticos, observa-se que é preciso explorar o espaço-tronco-face para promover a construção de sentido nessa língua, havendo, assim, a necessidade do uso da tecnologia para 'captar' esses aspectos como forma de inovação, conforme verificado nesse recorte (Fig. 6), quando uma das autoras, deslocando seu tronco, primeiro para a esquerda com as mãos em movimento e, depois seguindo com o tronco para a direita, concomitantemente, com a expressão facial, explora o espaço em frente e ao redor do seu corpo.

Figura 6 - Marcação e deslocamento do tronco do sinalizador no espaço de sinalização - "Interação com seus pares".

Fonte: Quadros; Stumpf, 2019.

Desse fato, infere-se que, devido à modalidade visual-espacial dessa língua, surge a necessidade de (re)pensar em atender essa forma de comunicação e expressão dessa minoria linguística dentro da comunidade discursiva, e a forma utilizada é o recurso tecnológico. Aliado a isso, a própria legislação que regulamenta o processo de inclusão da pessoa com surdez estabelece que a Libras deve ser incluída como forma de manifestação do pensamento da comunidade surda com o grupo tido como majoritário, ou seja, com os ouvintes (BRASIL, 2005).

5 Considerações finais

Dos dados aqui discutidos, conclui-se que a Libras, mesmo com a sua modalidade distinta, não é fator de impedimento para se produzir diferentes gêneros textuais, obedecendo propósitos comunicativos diversos. Além disso, verificou-se a necessidade de, ao seguir o que rege a legislação quanto ao processo de inclusão da pessoa surda, fazer uso do recurso tecnológico como suporte textual para atender diretamente às especificidades linguísticas dessa cultura surda.

Com o destaque para a produção visual em Libras, a revista Roseta respeita as particularidades linguísticas dos surdos considerando-as enquanto regras para submissões, tais como: a marcação de posição dos sinalizadores; o foco das expressões faciais/corporais, bem como o uso de marcadores de pessoa, de tempo e de lugar como elementos fundamentais para a construção de sentido nessa língua.

Quanto ao conceito de inovação proposto pela revista Roseta que, agregado ao processo de inclusão social, traça objetivos focando em produções textuais que visualizem a popularização da Linguística de forma estética e/ou humorística com a intenção clara em atrair novos autores/leitores para sua revista e/ou site. Identificou a necessidade em oferecer à comunidade surda um espaço para publicações de vídeos em Libras. De tal modo, estabeleceu regras de submissão e o próprio escopo da revista voltadas especificamente para divulgações nessa língua de sinais. Enfim, a proposta de inovação dessa revista é acima de tudo considerar a língua de sinais uma forma de romper as convenções de escrita ao divulgar esse tipo de gênero acadêmico/científico.

No que diz respeito ao artigo "'Libras o que é essa língua?" (Quadros; Stumpf, 2019), infere-se que, de fato, trata-se de um texto de divulgação científica, mais especificamente, um artigo de revisão, publicado, ou melhor, postado, em formato de vídeo, no site da revista Roseta, bem como disponível na plataforma do @Youtube, com tendências inovadoras. E em termos estruturais, apesar de não escrito, e sim sinalizado, apresenta-se em tópicos, compondo a fundamentação teórica, o uso de citações e apresentando resultados de pesquisas e de pesquisadores renomados na área da Libras.

Referências

ABNT. Projeto NBR 6022-2002. **Informação e documentação** - Artigo em publicação periódica científica impressa - Apresentação. 5 páginas. Válida a partir de 30.06.2003.
BARROS, E.F.A ; BEZERRA, B. G. . **Escrita colaborativa no Facebook:** novos espaços de produção textual no contexto tecnológico. Letras em Revista, v. 9, p. 63-77, 2018.
BEZERRA, B. G. **A propósito da síntese brasileira nos estudos de gêneros**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 24, p. 465-491, 2016.
BEZERRA, B. G. **O gênero como ele é** (e como não é). São Paulo: Parábola, 2022.
BRASIL. Diário Oficial da República Federativa. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Reconhece a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília, DF: 24 de abril de 2002.
BRASIL. Diário Oficial da República Federativa. **Decreto-Lei 5.626**, de 22 de dezembro de 2005 Regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais -Libras, e o artigo 18 da lei n. 10.436, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: 23 de dezembro de 2005.
CORTINA, A. **TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:** análise de duas reportagens sobre agrotóxicos. Alfa, Rev. Linguística 64.2020. ttps://doi.org/10.1590/1981-5794-e11949. Disponível em: https://www.scielo.br/j/alfa/a/qDtBgPftvLHW3HjMK9rm4Jf/#
LIMA, E. S. **A estruturação e a organização de diferentes tipos de textos por falantes da Libras**. Projeto Guarda-Chuva com vigência de fevereiro de 2021 a fevereiro de 2023, encontra-se cadastrado e em andamento na Diretoria de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROP/UESPI, 2023.
MARCUSCHI, L. A. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. DLCV: Língua, Linguística e Literatura. São Paulo: parábola, 2003.
MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análises de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
QUADROS, R. M.; STUMPF, M. **Libras**, o que é esta língua? Equipe de tradução e edição: Monise Fiorentin Gomes, Stephanie Vasconcelos e Tom Min Alves, ISSNe2175-8026. Ilha do Desterro: A journal of english language, literatures in english and cultural studies. V. 2 Nº 1. Revista Roseta/ABRALIN, 2019. Disponível em https://www.roseta.org.br/2019/02/21/libras-o-que-e-esta-lingua/
VRLIBRAS, **Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras**. Site da Revista VRLibras, 2020. Disponível em:https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/ . Acesso em 20 jul. 2024.
ROSETA, Revista. Das normas e diretrizes para publicação. Site da Revista Roseta, 2023. Disponível em: https://www.roseta.org.br/ Acesso em 18 jun. 2023.

Referências de imagens

UFPEL. **Curso de SignWriting – Escrita de Sinais**. Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – NAI. 24 ago 2017. Acesso em 25/12/24. Disponível em: hhttps://wp.ufpel.edu.br/nai/2017/08/24/curso-de-singwriting-escrita-de-sinais/
WIKIPÉDIA.**Escrita de Sinais**. 11 mar 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita_das_l%C3%ADnguas_de_sinais Acesso em: 24 dez. 24